

QUAL É O SEU NOME (DE PALHAÇO), PALHAÇO? – O ACONTECIMENTO LINGUÍSTICO DA (RE)NOMEAÇÃO NO CAMPO DA PALHAÇARIA.

What's your (clown) name, clown? – the linguistic event of (re)naming in the clowning field.

Romulo Santana Osthuesⁱ

Resumo: Neste artigo, analiso o funcionamento semântico da nomeação de cinco palhaços citados no texto *12 nomes da palhaçaria*. Publicado no blog do *Coletivo Não Só o Gato*, o texto foi escrito por Adolfo Caboclo (2014), que relata, de acordo com os depoimentos dos atores entrevistados, as histórias dos nomes com os quais seus palhaços foram “batizados”. Fundamenta minha análise a teoria da Semântica do Acontecimento, especialmente as noções que abarcam os processos de enunciação dos nomes próprios de pessoa, proposta por Eduardo Guimarães (2012, 2017, 2018). Aqui, delinheiro conceitos teóricos centrais para a consecução do artigo e analiso o corpus recortado, destacando regularidades e particularidades nos acontecimentos enunciativos que produzem a renomeação de uma pessoa com um nome de palhaço.

Palavras-chave: Enunciação; Nomeação; Nomes próprios de pessoa; Palhaço; Semântica do Acontecimento.

Abstract: In this article, I analyze the semantic functioning of the act of naming five clowns mentioned in the text *12 nomes da palhaçaria*. Published on the blog of *Coletivo Não Só o Gato*, it was written by Adolfo Caboclo (2014), who reports, according to the statements of the actors interviewed, the stories behind the names with which their clowns were “baptized”. My analysis is based on the Semantics of The Event theory, especially the notions encompassing the proper names of person processes of enunciation, proposed by Eduardo Guimarães (2012, 2017, 2018). Here, I outline the theoretical concepts that are central in this article and analyze the selected corpus, highlighting regularities and particularities in the enunciative events that produce the renaming of a person with a clown name.

Key-words: Enunciation; Naming; Proper names of person; Clown; Semantics of the Event.

Introdução

Quando um sujeito se propõe a atuar no território da palhaçaria, ele passa por um sem-número de experiências que contribuem para a constituição de sua quase-personagem: exploração do próprio corpo em sua potência cênica; realização de jogos que promovam a relação com parceiros de cena e o público; estudo de repertório de gags, entradas e reprises¹

¹ “Pequenas cenas que podem ser introduzidas ao sabor dos acontecimentos e que todos os atores já conhecem de antemão. (...) Todas as cenas de pé na bunda, tapas, trambolhões, perseguições e esconde-esconde que encontramos nos picadeiros e palcos de hoje têm sua origem em tempos imemoriais” (CASTRO, 2005, p. 44).

para composição de cenas etc. Independentemente se o sujeito passa por essas experiências a partir da herança de uma família circense, do contato com artistas de rua ou de oficinas/ cursos livres para atores – contextos de formação que colaboram, distintamente, para o modo/ tipo de sua atuação –, há um momento em que é preciso batizar² seu palhaço.

“Batizar”, no jargão palhacesco, corresponde ao acontecimento linguístico de renomeação de si para designar “um seu outro”, que estará em interlocuções com um público em cena, aquele cuja existência permite que o sujeito ora exacerbe características e comportamentos próprios, ora atribua a si outras formas de se relacionar socialmente para compor uma “persona” como palhaço. Formas inimagináveis até então, caso não estivesse “se interpretando [palhaço] para [um outro]”, num duplo movimento de interpretação.³ Dessa (re)composição de si é que trago, a partir de um sujeito que se interpreta palhaço para um público, essa acepção de ‘quase-personagem’ que citei.

O ator tem que *se interpretar* no que está realizando e, ao mesmo tempo, interpretar *para*. Ou seja: o ator *se investe de sentidos de palhaço* (no corpo) a fim de *produzir efeitos desses sentidos para seu espectador*. A atuação sempre está investida *na e de interpretação* (OSTHUES, 2017, p. 48, grifos do autor).

Batizar um palhaço é o ato enunciativo de renomear um sujeito com um nome de palhaço, seja deixando que um terceiro o nomeie ou se dando, ele próprio, uma nova alcunha. Neste artigo, seguindo a perspectiva do semanticista Eduardo Guimarães sobre a nomeação, analiso cinco nomes de palhaços constantes do texto *12 nomes da palhaçaria*, de Adolfo Caboclo (2014)⁴, disponível no blog do *Coletivo Não Só o Gato* desde 23 de outubro de 2014.

A escolha dessa perspectiva se justifica, pois, assim como a nomeação de pessoas, a renomeação de alguém como palhaço também ocorre no espaço de enunciação⁵ da Língua Oficial do Estado, o Português Brasileiro, no qual, lembra Guimarães (2017, p. 46), há uma “incumbência da autoridade responsável pelo registro de crianças em não aceitar nomes ‘fora

² Esse “batismo” nada tem a ver com um ritual religioso, de profissão de fé.

³ Para Orlandi (2001, p. 23), esse duplo movimento é uma “interpretação de uma ordem de discurso [do palhaço] que deve, ao produzir um lugar de interpretação em outra ordem do discurso [nas Artes Cênicas], constituir efeitos de sentidos que são próprios” da palhaçaria (com inserções minhas).

⁴ O autor da postagem é comunicólogo e um dos fundadores do *Coletivo Não Só o Gato*.

⁵ “Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2017, p. 25).

de propósito”. No caso de nosso objeto, a renomeação palhacesca se faz interessante para uma análise porque, numa primeira instância, o gesto de o sujeito se dar (ou permitir que lhe deem) um nome de palhaço já é um gesto de contravenção, de provocação dentro do espaço de enunciação dessa língua: é justamente por estar ‘fora de propósito’ que o nome próprio de palhaço funciona, que ele é risível, ridículo; identifica artisticamente um sujeito, (re)nomeando-o.

A renomeação de alguém como palhaço também é uma questão do sujeito, de seu processo social de subjetivação, tal qual é o nome próprio de pessoa, com o acréscimo de que os sentidos do nome de palhaço em si já podem produzir efeitos cômicos. Por exemplo, nomes de palhaço como Caçolão, Cacareco ou Cremoso⁶, se não fazem cócegas no imaginário do público que se depara com eles num primeiro contato, minimamente, despertam nesse público alguma curiosidade por saber “de onde vieram tais nomes” ou “o porquê de tais nomes”.

Por mais que se dar um novo nome diferente daquele registrado em cartório já seja (alg)uma ruptura, o sujeito ainda responde a uma ordem social que requer de seu nome uma designação, algo que referencie esse (novo) outro de si como palhaço. “Ao lado da nomeação dos pais, há um processo de renomeação e designação que é parte da história enunciativa do nome. [...] O nome que é dado do lugar social da paternidade é alterado no processo da vida social em que o indivíduo está e acaba por se reduzir, modificar, ser substituído” (GUIMARÃES, 2018, p. 200). E é isso que, também, ocorre na palhaçaria dada a demanda específica de um ator que se interpreta palhaço para um público. Na compreensão que apresentarei a seguir, a renomeação é resultado do modo como um grupo social específico (colegas de formação artística, companhia em que se atua, plateia etc.) opera sobre um nome próprio de pessoa – seja ele o de cidadão, seja ele o de palhaço, importando dizer que o segundo, como resultante da renomeação, tende a ser, digamos, “mais digno de riso”.

Da nomeação à renomeação: os lugares da enunciação

Como em quaisquer acontecimentos enunciativos, na nomeação, segundo Guimarães (2017, 2018), o falante é agenciado a enunciar e, enquanto agenciado, divide-se em ‘Locutor’ (lugar que diz – L) e ‘alocutor-x’ (lugar social de dizer – al-x), que alude a um ‘enunciador’ (lugar

⁶ Nomes de palhaços retirados do livro *Circos e palhaços brasileiros*, de Mario Fernando Bolognesi (2009).

de dizer, podendo ser individual, genérico, coletivo e universal – E-ind, E-gen, E-col, E-uni). A divisão entre Locutor e alocutor-x também se dá politicamente (na relação com outros falantes), por isso, para cada uma dessas figuras, há um correlato do dizer: Locutário (AT) e alocutário-x (at-x). Para o enunciador, não há um correlato projetado, “é um modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem diz)”, destaca Guimarães (2017, p. 62). Essa ‘cena enunciativa’⁷, que é como o autor chama a configuração do agenciamento político da enunciação (e sua divisão de lugares e relações correspondentes), produz tal disparidade do Locutor que lhe é constitutiva: a figura do alocutor-x é um lugar social para o Locutor. Ou seja, quando fala, o Locutor é díspar a si mesmo; e só fala o que fala porque um lugar social o permite falar daquele modo, e não de outro. Um exemplo: José acabou de se tornar pai e, enquanto sua companheira está se recuperando do parto no hospital, a ele coube a tarefa de registrar um nome para sua filha. ‘Marta’ foi o nome acordado por José e sua esposa. Quando José diz ao escrivão “O nome dela é Marta”, há uma disparidade na enunciação que divide José em Locutor e alocutor-paterno, aludindo a um enunciador individual.

Na situação ilustrada, reconhece-se, no dizer de José, o lugar social de pai (e não de professor, eleitor, consumidor etc.) uma vez que, na forma de estruturação do Estado Brasileiro, os pais é que devem registrar os nomes de seus filhos em cartórios. Já existe essa injunção aos pais para tanto, fazendo com que ‘a escolha do nome’ não seja uma ‘escolha’ de fato:

A nomeação se dá num acontecimento que agencia o falante enquanto alocutor-paterno (lugar social) e enunciador-individual (lugar de dizer). A representação de escolha é o modo de significar do Locutor nesse processo. Mas o Locutor é uma das divisões do agenciamento que constitui a divisão do falante e só é o lugar que diz enquanto diz do lugar social de alocutor (no caso, alocutor-paterno) (GUIMARÃES, 2018, p. 192).

A cena enunciativa da nomeação de Marta pode ser representada da seguinte forma:

L ----- AT

E-ind – O nome dela é Marta.

⁷ “Uma *cena enunciativa* se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2017, p. 31, grifos do autor).

al-paterno ----- at-escrivão

É desse modo que se produz o vínculo entre um nome e uma pessoa, tornando o acontecimento da nomeação de Marta, por exemplo, um memorável (a história de enunciações) para quaisquer enunciações do nome Marta a partir de então. O acontecimento da enunciação em que José nomeou sua filha como Marta não se desvinculará do nome dado. A nomeação estará sempre atribuindo sentido e identidade, tornando o nome Marta uma designação que referencia a pessoa que é filha de José como única para seu próprio nome.

Nomear uma pessoa é uma enunciação que funciona por um processo de determinação semântico-enunciativa em virtude de se dar no interior do processo social de identificação, mas que, na enunciação referencial de expressões linguísticas, pela representação do enunciador que alude ao lugar social de alocutor, se mostra como meramente referencial (GUIMARÃES, 2018, p. 208).

Do exemplo de registro de um nome em cartório, sigo ao ponto que mais interessa daqui para a frente: a renomeação de pessoas com nomes próprios palhacescos; ou a compreensão do que faz um nome de palhaço ser um nome de palhaço. O sujeito que atua como palhaço é injungido a se dar um nome (ou permitir que lhe deem um) para que ele tanto possa ser designado na palhaçaria como única pessoa à qual seu nome refere quanto para, como parte de sua atuação palhacesca, poder tirar risos de seu interlocutor ao se referir a si mesmo. Do contrário, sua quase-personagem “não teria graça”, ou mesmo, frustraria quem tivesse alguma expectativa cômica por ter uma resposta inusitada quando perguntasse ao sujeito que atua como palhaço: “qual é o seu nome de palhaço?” ou “qual é o seu nome, palhaço?”

Ainda que os nomes que os palhaços se dão (ou recebem) tenham, a priori, nas coisas as suas referências (comidas, vegetais, animais, objetos etc.), é preciso considerar que há também uma relação particular que se dá entre nome e pessoa, nome e palhaço: “estamos na situação em que o nome está em relação com aqueles que falam, que são sujeitos no dizer. Isto por si só ressignifica a questão da relação nome/coisa, na medida em que a relação é nome/pessoa, nome/falante, nome/sujeito” (GUIMARÃES, 2017, p. 43). Daí, com esse gesto, o que faz um sujeito que atua como palhaço ao se renomear/ ser renomeado é, recorrentemente, deslocar o uso de palavras que designariam coisas (nomes comuns) para designar pessoas (nomes

próprios), descolando as palavras de seus (ilusoriamente evidentes) referentes, descolando os significantes de seus (também ilusoriamente evidentes) significados. Deslocando os sentidos.

Voltemos para o suposto exemplo de Marta. Aos 22 anos, num curso livre de palhaçaria, ela criou uma quase-personagem palhaça para si: “Oi, meu nome é Mala”, ela diz em alto e bom som ao se apresentar para alguém numa cena palhacesca. A alcunha da palhaça de Marta vem de sua relação com os demais colegas de curso, que consideravam seu comportamento irritante, aborrecedor e impertinente durante as atividades em aula. O facilitador do curso, então, batizou a moça de ‘palhaça Mala’. Portanto, a partir dessa renomeação que substituiu seu nome para fins palhacescos, quando Marta está em cena como palhaça, a enunciação do nome Mala recorta o memorável de sua experiência com os colegas de curso, da história de enunciações que se deu a partir de seu batismo. O nome de palhaça, no caso em questão, não convive com o nome atribuído pelo lugar paterno. A renomeação traz para a cena enunciativa outros lugares de enunciação. Observe sua representação:

L ----- AT

E-ind – O nome dela é Mala.

al-padrinho ----- at-alunos

O batismo da palhaça de Marta feito pelo facilitador do curso diante dela mesma e de seus colegas é uma renomeação configurada por um acontecimento enunciativo em que um alocutor-padrinho alude a um enunciador individual. Com “O nome dela é Mala”, o alocutor-padrinho refere como sendo Mala a pessoa que previamente se particularizava como Marta. Segundo Guimarães (2018), há uma necessidade social de produzir uma relação de unicidade nos modos de nomear e renomear, estando isso conectado à maneira pela qual se considera, no senso comum, que o nome próprio refere a um objeto único. Entretanto, tanto os exemplos que o autor dá em suas obras quanto esses que apresento acima (de Marta a Mala) nos mostram que os processos de renomeação recortam sempre como memorável, no acontecimento de uma enunciação de um nome próprio, o acontecimento anterior que nomeou a pessoa.

As renomeações funcionam como se a primeira nomeação, no caso do lugar paterno, fosse indiferente, relativamente à necessidade da não ambiguidade do nome próprio. Estamos aqui diante de um claro conflito do funcionamento corrente que nomeia e do funcionamento das corporações ou grupos sociais [como aquele formado pelos alunos e facilitador do curso livre de palhaço] que

intervêm diretamente em nome da unicidade (GUIMARÃES, 2018, p. 207, acréscimos meus)

A seguir, situarei um pouco mais minha reflexão sobre a nomeação de palhaço (ou a renomeação de um sujeito como palhaço) no dispositivo teórico da Semântica do Acontecimento e mostrarei o funcionamento da designação de cinco nomes de palhaços (Tapioca, Iracema, Sucinto, Viralata e Zabobrim Macambira Bira Bora Borges Júnior de Alencar) a partir de recortes do texto *12 nomes da palhaçaria* (CABOCLO, 2014)

Nomes de palhaço no acontecimento de um texto

Após citar que, para Benveniste (1989), a enunciação é a língua posta em funcionamento pelo Locutor, e que, para Ducrot (1988), seria o evento do aparecimento de um enunciado, Guimarães (2017) ressalta que o gesto de enunciar é um modo de estar na língua, que funciona no e pelo acontecimento, pelo agenciamento político da enunciação. A nomeação seria, assim, um agenciamento enunciativo específico que constitui a designação de um nome, um funcionamento linguístico que recorta memoráveis por temporalidades determinadas (passado, presente, futuro).

Assim como quando se nomeia o sujeito recém-nascido, posteriormente, ao atuar na palhaçaria, quando ele recebe (ou se dá) um nome de palhaço, o agenciamento da enunciação de renomeação “estabelece uma relação de inseparabilidade do nome e da pessoa [re]nomeada pelo vínculo do acontecimento que nomeia a pessoa nomeada”, diz Guimarães (2012, p. 5, acréscimos meus). O vínculo se projeta, desse modo, para as enunciações futuras do nome. Essa projeção acompanha qualquer funcionamento de um nome próprio (seja de uma pessoa, de uma cidade, de um rio, de um palhaço etc.) e faz com que ele tenha essa capacidade particularizadora. Nome e algo são vinculados pelo agenciamento enunciativo que, também, de acordo com o autor, “projeta um futuro de enunciações pelas quais se falará do nomeado pelo nome a ele atribuído”. Isso pode ser observado no funcionamento dos nomes de palhaços em análise.

No texto *12 nomes da palhaçaria* (CABOCLO, 2014), cuja constituição se dá com base em depoimentos de palhaços sobre a origem de seus nomes, percebe-se que o presente e o futuro do acontecimento no texto funcionam pelo passado que os faz significar. Os nomes de palhaços

significam, no acontecimento do texto, porque ele recorta um passado como memorável – o da enunciação que os renomeou. E o passado não seria, para Guimarães, o mesmo que lembranças ou recordações pessoais de fatos anteriores, e sim uma “rememoração de enunciações” (GUIMARÃES, 2017, p. 20).

Sublinho, antes de seguirmos às análises, que a posição do autor é, segundo ele próprio, “radicalmente anticomposicional”, o que quer dizer que, para ele, o sentido de uma expressão “não é constituído pelo sentido de suas partes” (GUIMARÃES, 2017, p. 38), e sim pelo modo como essa expressão se relaciona com outras expressões de um texto. “As expressões linguísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam” (GUIMARÃES, 2017, p. 7). Portanto, não serão considerados nesta análise os nomes de palhaço em suas singularidades, mas o funcionamento deles no texto, no acontecimento do texto *12 nomes da palhaçaria* (CABOCLO, 2014). “A relação integrativa de uma expressão deve ser remetida à textualidade, e não às relações imediatas e segmentais de um enunciado. E isto se liga diretamente ao caráter próprio do funcionamento político da linguagem no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2017, p. 126).

Compreendo que há, em relação à nomeação de palhaços, processos de identificação sobrepostos. No primeiro patamar, o processo de identificação da designação que dá ao sujeito um nome próprio de pessoa; no seguinte, outro processo de identificação da designação que lhe atribui um nome de palhaço. Ao receber um nome, o sujeito se vê identificado consigo mesmo por ter um nome. Tanto no nome de pessoa quanto no de palhaço, aquilo que é designado se constitui pelo funcionamento da identificação sobreposta (de pessoa e de palhaço) e da referência⁸, que particulariza algo na enunciação. Segundo Guimarães (2017, p. 121-122),

aquele que nomeia é parte do que identifica um sujeito. Identificação decisiva para que o funcionamento do nome na enunciação refira alguém. O nome se refere exatamente porque sua designação identifica a pessoa enquanto sujeito na sociedade. Ou seja, a referência, a particularização de alguém que se faz por seu nome é possível porque o nome, no processo enunciativo, identifica alguém, por este nome.

⁸ Aqui, a ‘referência’ está sendo vista como “a particularização de algo na e pela enunciação” (GUIMARÃES, 2017, p. 12).

Os nomes próprios de pessoa e de palhaço referem no presente ao que uma nomeação passada, seja de um alocutor-paterno ou um alocutor-padrinho, respectivamente, nomeou. Venho chamando de alocutor-padrinho aquele que nomeou de palhaço xis um sujeito em questão (atualmente designado palhaço xis), e esse alocutor-padrinho tanto pode ser um outro sujeito, como também um coletivo, uma corporação, um evento etc. No corpus analisado, os alocutores-padrinhos podem ser amigos, parentes ou mesmo os próprios palhaços. Na enunciação do texto *12 nomes da palhaçaria* (CABOCLO, 2014), há o efeito de unicidade do nome próprio de palhaço, considerando a textualidade e seu acontecimento. Esse efeito de unicidade⁹, assim como acontece com os nomes próprios de pessoa (afinal, o sujeito que se interpreta palhaço para alguém é uma pessoa¹⁰ também), é uma construção da disparidade entre o presente e o passado: “o que ele significa numa dada enunciação (com sua temporalidade) é toda sua história de nomeações, renomeações e referências realizadas (com suas temporalidades próprias)” (GUIMARÃES, 2017, p. 55).

Particularmente, as enunciações que nomeiam palhaços são determinadas por um modo de nomear que tem regularidade no Brasil, determinando a constituição das designações dos palhaços brasileiros. Do corpus analisado, trarei à tona, essencialmente, aquilo que os acontecimentos presentes nas sequências textuais recortam como memoráveis para o modo como os palhaços em questão foram nomeados. Veja as sequências textuais abaixo e, em seguida, as considerações que faço a partir das regularidades encontradas nelas e, também, das especificidades dos memoráveis recortados pelos enunciados que designam os nomes desses palhaços integrados ao texto *12 nomes da palhaçaria* (CABOCLO, 2014).

SEQUÊNCIAS TEXTUAIS¹¹

A) Palhaço Tapioca (Adolfo Caboclo)

⁹ “A unicidade, ou seja, o efeito de que não há nenhuma distância que separe o nome de uma pessoa dessa mesma pessoa, portanto seu funcionamento eminentemente referencial, é um efeito do funcionamento do nome próprio neste processo social de identificação do indivíduo, de sua subjetivação” (GUIMARÃES, 2017, p. 54).

¹⁰ Lembrando que, segundo Guimarães, “as pessoas não são pessoas em si. O sentido do nome próprio lhes constitui, em certa medida. O sentido constitui o mundo que povoamos. E o constitui enquanto produz identificações sociais que são o fundamento do funcionamento do indivíduo enquanto sujeito” (GUIMARÃES, 2017, p. 54).

¹¹ Os nomes próprios de pessoa dos sujeitos que interpretam os palhaços referenciados no texto estão entre parênteses. Todas as sequências textuais foram trasladadas conforme o texto original disponível na internet, *ipsis literis*. Os colchetes duplos marcam os recortes feitos “[[]]”, seguidos de índices com letras entre parênteses “(a, b, c...)” que marcam as correspondências dos recortes com as remissões que faço a eles no decorrer do artigo.

>> Não demorou muito para [[esse palhaço que eu estava construindo]] (a) carecer de um nome. Um ser tão mais bonito que eu. Tão menos mesquinho. Armado apenas de flores, [[precisava ser batizado]] (b) com um nome que interpretasse isso. Então [[nasceu o Tapioca]] (c) — [[comida que minha avó, mulher que exala vida e alegria, tanto me fez acompanhada de seus cafés matinais.]] (d)

B) Palhaça Iracema (Samantha Anciães)

>> Iracema. [[Iracema é uma homenagem... É o nome de minha avó,]] (e) que foi atriz e interrompeu a carreira pois o pai não aprovava. Ela foi a maior incentivadora da minha carreira, sempre! E [[quando “tive” que batizar minha palhaça,]] (f) [[meu ex-marido sugeriu, “porque não Iracema?”]] (g) E na hora tive a certeza! Esse é o nome da minha palhaça! Uma historinha: eu tinha [[uma vizinha que só me chamava de Iraceminha, pois dizia que eu era muito parecida com minha avó.]] (h) [[Nada é à toa. :) Esse nome me representa mesmo!]] (i)

C) Palhaço Sucinto (Dario Diniz)

>> [[Sucinto é um nome que me veio em uma época em que eu me via como alguém calado, gostava mais de ouvir que falar.]] (j) Hoje em dia [[o nome tem se transformado e hoje em dia ele significa “as coisas pequenas”.]] (k) A criança, as pequenas diversões, os pequenos detalhes, as coisas singelas. Pelo menos é para lá que estou caminhando.

D) Palhaço Viralata (Rodrigo Robleño)

>> Defini que seguiria os caminhos do palhaço em 1992. Num curso, [[levantaram duas características que tenho e que diferentes pessoas, que não se conheciam entre si, sempre ressaltavam: eu me mexo igual desenho animado e tenho cara de “cachorrinho pidão”. Por isso, e indicado no curso, adotei, por muitos anos, o nome “Dógui”.]] (l) Esse nome, no entanto, não me agradava, principalmente pela insinuação do inglês. Depois do curso morei três anos fora e voltei pro Brasil, trabalhando na rua e com um aspecto bem

mais brasileiro. [[De repente: “Viralata”!]] (m) [[Pelo olhar, pela brasilidade, pela luta contra o “complexo de vira-lata”, porque a rua é meu habitat natural, porque sou magrelo, porque tenho a mesma braveza e medos de um vira-lata e porque, também, é um nome que funciona muito no meu “estado de graça”; o público gosta!]] (n) Ah, e [[“Viralata”, no meu caso, se escreve junto!]] (o)

E) Palhaço Zabobrim Macambira Bira Bora Borges Junior de Alencar (Esio Magalhães)

>> Em 1995, [[por estar trabalhando em um projeto de plantio de árvores frutíferas e floríferas na cidade de Diadema e pelas bobagens que dizia, foi batizado o palhaço Abobrinha.]] (p) Depois de virar Doutor [da Alegria] em 1998 e começar a trabalhar em hospitais, [[fui forçado a trocar de nome, pois como Dr. Abobrinha, era confundido com um personagem homônimo do Castelo Ra-Tim-Bum da TV Cultura.]] (q) A confusão não agradava, pois além de ser muito mais famoso, o homônimo era careca! Buscando um novo nome, acabou ganhando um sobrenome de Doutor com matizes de brasilidade, porém ainda faltava o nome. Foi [[pensano um tiquin, com carin, bem direitin, que este paiaço mineiro voltano às origens, se lembrô das Abobrinhas de onde viera.]] (r) [[Uai! Ele veio das (Z)Abobrin, sô!!!]] (s) E assim [[nomeou-se Zabobrim, com “m” no final em homenagem ao seu tataratatarataratavô Arlequim,]] (t) artista mambembe da Commedia dell’Arte.

O sujeito, ao se tornar palhaço, se expõe a um processo de elaboração artística para dar espaço à sua quase-personagem – [[esse palhaço que eu estava construindo]] (a). No caso dos sujeitos apontados acima, quando tratam desse “novo” sujeito na posição de palhaço, construído em sua identidade (re)inventada, as referências a algo como uma origem repentina são diretas ou indiretas em suas enunciações: [[nasceu o Tapioca]] (c); [[De repente: “Viralata”!]] (m); [[Uai! Ele veio das (Z)Abobrin, sô!!!]] (s). Esses enunciados recortam o memorável da origem, do surgimento tanto da quase-personagem constituída quanto do nome dela.

Conforme abordado na introdução deste texto, pode-se observar que, quando o sujeito imerge no campo da palhaçaria, ele é interpelado a se “batizar”, ou seja, a ter um nome próprio

que referencie “seu palhaço”, aquele que ele criou para se significar palhaço frente ao seu público: [[precisava ser batizado]] (b); [[quando “tive” que batizar minha palhaça]] (f); [[foi batizado o palhaço Abobrinha]] (p). ‘Precisava’, ‘tive que’, ‘foi’ se referem a ações que estão alheias ao desejo dos sujeitos, uma interpelação, mas que os palhaços aceitaram de bom grado aparentemente. Muito embora se renomear possa parecer um movimento de individuação quanto ao (não) uso de seu nome próprio de pessoa, atribuído nas instâncias jurídicas e sociais pelo alocutor-paterno, vê-se que há um outro imperativo, uma ordem impondo-se: é necessário ter um nome de palhaço para atuar como tal. Em cada caso, um alocutor-padrinho diferente: Tapioca foi nomeado pelo próprio sujeito que o “construiu”; Iracema foi um nome sugerido pelo ex-marido de sua intérprete – [[“porque não Iracema?”]] (g); Sucinto foi uma determinação ([[um nome que me veio]] (j)) de Dario Diniz; para Rodrigo Robleño, inicialmente, funcionava o nome “Dógui”, [[indicado no curso]] (l). Depois, passou a ser o Viralata, que, no caso dele, [[se escreve junto!]] (o); Esio Magalhães [[foi batizado]] (p) Abobrinha, mas, posteriormente, se renomeou Zabobrim.

No afã de se (re)nomear e em cena não ser referido pelo nome que o alocutor-paterno lhe deu, mas sim pelo que o alocutor-padrinho o fez, um tanto de razões é apresentado. Os memoráveis recortados nas enunciações, justificando “de onde vieram” tais nomes de palhaços, passam:

- a) Pela homenagem – no caso do palhaço Tapioca: [[comida que minha avó, mulher que exala vida e alegria, tanto me fez acompanhada de seus cafés matinais]] (d); para a Iracema: [[Iracema é uma homenagem... É o nome de minha avó]] (e) e [[uma vizinha que só me chamava de Iraceminha, pois dizia que eu era muito parecida com minha avó]] (h); no exemplo de Zabobrim, [[nomeou-se Zabobrim, com “m” no final em homenagem ao seu tataratatarataratavô Arlequim]] (i);
- b) Pela aparência e pelo gestual cênico do sujeito – o palhaço Viralata diz: [[levantaram duas características que tenho e que diferentes pessoas, que não se conheciam entre si, sempre ressaltavam: eu me mexo igual desenho animado e tenho cara de “cachorrinho pidão”. Por isso, e indicado no curso, adotei, por muitos anos, o nome “Dógui”]] (l) [[e sou magrelo, porque tenho a mesma braveza e medos de um vira-lata e porque, também, é um nome que funciona muito no meu “estado de graça”; o público gosta!]] (n);

- c) Pelo modo de se comportar – segundo Dario Diniz, que explica seu palhaço: [[Sucinto é um nome que me veio em uma época em que eu me via como alguém calado, gostava mais de ouvir que falar]] (j);
- d) Pelas marcas na língua que indicam a origem geográfica – conforme Zabobrim: [[pensano um tiquin, com carin, bem direitin, que este paiaço mineiro voltano às origens, se lembrô das Abobrinhas de onde viera]] (r).

Ao aceitar um nome de palhaço, o sujeito dá um aval para que esse seu nome signifique, numa performance palhacesca, no lugar do nome que lhe dera um alocutor-paterno. Na prática da palhaçaria, então, esse novo nome resultante da renomeação significará a atuação do sujeito e no interior dessa mesma atuação. Aceitar um nome é se identificar com ele a ponto de achar que [[Nada é à toa. :) Esse nome me representa mesmo!]] (i), segundo a intérprete de Iracema. Ou mesmo, aceitá-lo enquanto ele signifique e refira seu trabalho, como no caso de Rodrigo Robleño, que deixou de se identificar com o nome “Dógui” e, ao ver que seu palhaço ganhava características “brasileiras”, decidiu nomeá-lo “Viralata”. E ainda há o que, mantendo o nome de batismo de seu palhaço, ao longo das enunciações que faz sobre ele, busca uma nova significação: um Sucinto que significava um sujeito calado, que ouvia mais do que falava, para um que atualmente significa [[as coisas pequenas]] (k).

Na cena enunciativa da (re)nomeação de palhaços, os locutores estão tomados por memoráveis que dificilmente se repetem. Parece que buscam alguma “originalidade”, se assim podemos dizer, para se automearem ou nomearem um outro. Esio Magalhães, o Zabobrim, diz que quando foi trabalhar no grupo Doutores da Alegria, seu nome estava em relação de homonímia com o de um personagem famoso da TV em 1998, o que fez com que ele tivesse de repensar seu nome de palhaço: “[[fui forçado a trocar de nome, pois como Dr. Abobrinha, era confundido com um personagem homônimo do Castelo Ra-Tim-Bum da TV Cultura]] (q)”. Uma exceção a essa regularidade é o fato de alguns palhaços tomarem para si, em memória de seus antepassados, os nomes dos palhaços de seus avôs, tios e pais, a exemplo dos palhaços Picolino I e II. E até mesmo nomes em paráfrases, como Torresmo e Pururuca, sendo o segundo o nome do filho de Torresmo, que herdou seu fazer artístico bem como o circo que ele fundara (CASTRO, 2005). A esse respeito, quanto a se evitar a homonímia, trago mais uma vez Guimarães (2017, p. 122):

É impossível pensar o que faz um nome próprio de pessoa sem pensar o processo pelo qual se dá um nome a alguém. Ou seja, tanto o que um nome designa quanto o que ele refere e como está ligado a como um nome é dado a alguém. Isto é tal que a capacidade referencial do nome está ligada a que a homonímia dos nomes próprios é desfeita pela história enunciativa que deu um nome a uma pessoa.

Faço um destaque, agora, para a nomeação do palhaço Zabobrim mais uma vez, porque dela resulta uma certa construção por meio da qual seus muitos sobrenomes (são seis!) determinam o nome e o especificam, produzindo um efeito de particularização, jogando jocosamente com a extensão de nomes próprios de pessoa que, porventura, possam designar “gente importante” (rica, de prestígio social, reconhecida etc.), como eram os nomes próprios da aristocracia. O nome completo de Zabobrim é tão curioso que, em seu sobrenome, outros fenômenos típicos da nomeação de pessoas ocorrem: o funcionamento determinativo da palavra Júnior para caracterizar uma distinção entre nomes iguais, deslocado de sua posição regular (como último item da lista de sobrenomes); e mais que a justaposição dos sobrenomes Macambira Bira Bora Borges Júnior, há a preposição “de” ligando esse conjunto ao Alencar.

O exemplo de Zabobrim Macambira Bira Bora Borges Júnior de Alencar não é exclusivo, dentro do corpus analisado, entre as construções de nomes próprios de palhaço que apresentam sobrenomes determinando os nomes a partir de relações de articulação. Cito, somente a título de ilustração, os que ficaram de fora da análise (mas que fazem parte do texto *12 nomes da palhaçaria*): Xaveco Fritza, Indiana da Silva e Maffalda dos Reis. De acordo com Guimarães, “o nome próprio de pessoa é, na nossa sociedade, uma construção em que relações semânticas de determinação constituem o nome, o que já nos afasta de posições estritamente referenciais ou cognitivas no estudo do nome próprio” (GUIMARÃES, 2017, p. 45).

A partir do que foi dito acima a respeito da homonímia, infere-se até que os vários sobrenomes que determinam o nome Zabobrim foram a ele acrescentados para se evitar a homonímia também em relação a Zabobrim (anteriormente, como relata seu intérprete, a questão era relativa ao nome Dr. Abobrinha). Os casos de homonímia mostram que referenciar não é o fundamento do nome próprio, destaca Guimarães (2017). No acontecimento enunciativo é que o sentido do nome que se constitui por seu funcionamento faz referência. No funcionamento do nome próprio Zabobrim, por exemplo, ele recorta um memorável que relaciona esse nome ao palhaço, um memorável que é o passado próprio da temporalidade do

acontecimento da enunciação do nome. Ou seja, não é o próprio sujeito Esio Magalhães que nomeia, ou refere, nem seu nome de palhaço. É o acontecimento da enunciação de seu nome que refere por constituir seu próprio passado, recortado como memorável.

É notável, no funcionamento das renomeações de sujeitos como palhaços, o modo como as enunciações analisadas estão relacionadas com outras enunciações: as que nomeiam vegetais e alimentos (Zabobrim e Tapioca), por exemplo, são bastante comuns na cena enunciativa da nomeação de palhaços no Brasil de um modo geral, assim como as que adjetivam coisas ou pessoas (Viralata, Sucinto), e as que referenciam nomes próprios de (outras) pessoas (Iracema). Portanto, Tapioca não refere ao alimento feito de amido de mandioca, Viralata não é um cachorro que não tem raça definida etc. Essas palavras, e tantas outras que passam a designar palhaços, ao ganharem o estatuto de nomes próprios, são reconstituídas enunciativamente por variadas relações de linguagem que dão sentido aos nomes de palhaço. Guimarães (2012) ainda nos diz que o sentido do nome próprio não é o modo de apresentar um objeto, tampouco o resultado dos modos de se referir a um objeto que o nome próprio denota. Por consequência, o nome próprio de palhaço não só refere (preenchendo um objeto como único e definido), ele também significa, uma vez que sua história de enunciações constitui seu sentido – e os efeitos cômicos possíveis de se produzir a partir dele.

Considerações finais

Vê-se que os acontecimentos enunciativos dos nomes próprios de palhaço recortam os mais diversos memoráveis: do comportamento e da aparência dos sujeitos (cachorrinho pidão, leveza, braveza > Viralata/ ser calado, ouvir mais que falar > Sucinto); de experiências vividas ou homenagens (comida feita pela avó > Tapioca); do trabalho com plantas (dizer abobrinha no falar de Minas Gerais > Zabobrim); da homenagem a pessoas queridas (avó que não pôde ser atriz > Iracema) etc. Compreende-se que a designação de palhaços se constitui pelo processo de suas nomeações, operando também uma relação de enunciações contidas em outras enunciações. No funcionamento dos nomes de palhaço, recortam-se memoráveis que, enquanto passados próprios das temporalidades de seus acontecimentos enunciativos, relacionam tais nomes a dadas pessoas. No caso do nome próprio de pessoa, Guimarães (2018, p. 214) ressalta que “a enunciação paterna significa para sempre no nome, dando a esta relação a aparência de inseparabilidade por natureza”. No que aqui podemos chamar de renomeação (ou batismo) de

palhaço, o nome próprio resultante é significado para sempre pelo alocutor-padrinho (que pode ser, conforme apontado, outros sujeitos, um evento, uma instituição, um grupo social etc.).

Compreendo que nomear um palhaço é um acontecimento de linguagem que é político. Quero dizer com isso que, enquanto diferença na própria ordem de nomear um sujeito, renomeá-lo com um nome de palhaço é um acontecimento que instala uma temporalidade: ao recortar um memorável (a história de suas enunciações), constitui um presente, abre uma latência para o futuro; futuro e presente funcionando por um memorável que os faz significar comicamente. “O futuro que, nestas enunciações, habita o acontecimento [...] só se apresenta como possibilidades de dizer e de sentido por aquilo que no acontecimento se rememora, pelas próprias possibilidades que por isso se abrem e que fazem textualidade” (GUIMARÃES, 2017, p. 84). Renomear alguém como “Sucinto” ou “Viralata” instala uma futuridade, carrega o nome de palhaço de sentidos que, minimamente, poderão produzir efeitos risíveis quando, em um acontecimento enunciativo desses nomes, seus memoráveis forem recortados, por exemplo, em suas cenas palhacescas. Batizar um palhaço, quer dizer, tornar um nome comum ou próprio um nome próprio para referir um sujeito que atua na palhaçaria, para além de abrir a chance de a renomeação ocorrer “fora de propósito” – o mote do riso –, ela rompe com o rol de nomes convencionais e socialmente aceitos para pessoas. Daí se dá a disputa política pelos nomes – por eles e por meio deles – para além de identificar um sujeito artisticamente. E isso faz da renomeação de um sujeito como palhaço um acontecimento de linguagem no qual a palhaçaria instaura sua potência de transgressão. Uma vez mais.

Referências

- CABOCLO, Adolfo. 12 nomes da palhaçaria. *Não só o gato*. 23 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.naosoogato.com.br/cultura/12-nomes-da-palhacaria>. Acesso em: 23 set. 2021.
- BENVENISTE, Emile. O Aparelho Formal da Enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BOLOGNESI, Mario Fernando. *Circos e palhaços brasileiros*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- CASTRO, Alice Viveiros de. *O Elogio da Bobagem – palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.
- DUCROT, Oswald. Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação. In: *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1988.

GUIMARÃES, Eduardo. Aposto e nome próprio. *Entremeios*: revista de estudos do discurso, n. 5, jul. 2012. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/99.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

_____. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2017.

_____. *Semântica*: enunciação e sentido. Campinas: Pontes, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, Eduardo (org). *Produção e circulação do conhecimento*. Estado, Mídia, Sociedade. Campinas: Pontes, 2001.

OSTHUES, Romulo Santana. *Um nariz vermelho feito (de) mídia*. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. 308 p. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322347>. Acesso em: 8 nov. 2021.

ⁱ Jornalista, editor, tradutor e palhaço. É doutorando em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL/Unicamp (término previsto: 2022), atualmente, bolsista CNPq; mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo Labjor-Unicamp (2017); graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Unesp (2006); capacitado em Produção Cultural e Gestão de Empreendimentos Criativos pelo convênio entre o Ministério da Cultura-MinC e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-Senac (2015); (re)formado em palhaçaria e improvisação pelo grupo Amigos do Nariz Vermelho (2011). Contato: romulo.osthues@gmail.com